

Projeto SPUK

Encontro com Especialistas Sobre Dados Abertos e Web Semântica

Relatório Sintético

World Wide Web Consortium – (W3C) – Escritório Brasil
Centro de Estudos da WEB – (CEWEB)

São Paulo, 25 de março de 2015

Este relatório foi produzido por **Allan Souza Santos** e **Ricardo Matheus** para apresentar as ações e resultados da Reunião do Projeto SPUK, Melhoria do Ambiente de Negócios por meio da Transparência no Estado de São Paulo.

Este relatório foi preparado para o ***Centro de Estudos sobre Tecnologias Web (Ceweb.br)***, parte do **Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto Br (NIC.br)** e **Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)**, aos participantes do Projeto SPUK – Melhoria do Ambiente de Negócios por meio da Transparência no Estado de São Paulo e aos interessados na temática de dados abertos e web semântica.

Sumário

1	Sumário Executivo.....	5
2	Abertura do Evento.....	6
2.1	Vagner Diniz - Abertura Oficial do Encontro com Especialistas Sobre Dados Abertos.....	6
2.2	José Carlos Vaz – Metodologia da Dinâmica do Encontro com Especialistas Sobre Dados Abertos	7
3	Apresentação das iniciativas e experiências de sucesso do Reino Unido e Brasil.....	9
3.1	Apresentação de Eleanor Stewart	9
3.2	Apresentação de Antonio Acuña	11
3.3	Apresentação de Vagner Diniz	14
3.4	Comentários das Apresentações das iniciativas e experiências de sucesso do Reino Unido e Brasil.....	18
4	Discussão em Grupos das Dimensões e Desafios para os Dados Abertos e Web Semântica discutidas pelos participantes no Encontro.....	26
4.1	Grupo 1 – Capacidade Técnicas e Tecnológicas	28
4.1.1	Comentários apresentação Grupo 1.....	29
4.2	Grupo 2 - Governo	29
4.2.1	Comentários apresentação Grupo 2.....	30
4.3	Grupo 3 – Desafios de Envolvimento e capacidade da sociedade civil para reutilizar DGAs.....	31
4.4	Grupo 4 – Desafios para desenvolver Dados Abertos (Conjunto de pessoas e organizações mobilizadas em torno da temática)	32

5	Encerramento	35
6	Anexos.....	37
6.1	Lista de participantes	37

1 Sumário Executivo

O Projeto **SPUK realizou o Encontro com Especialistas Sobre Dados Abertos** no dia 25 de março de 2015 nas dependências do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) para definir estratégias e ações de abertura de dados no Brasil.

A oficina, coordenada pelas equipes do Centro de Estudos sobre Tecnologias Web (Ceweb.br), do Governo do Estado de São Paulo e da Embaixada Britânica, teve a presença de 50 pessoas, entre representantes de entidades da sociedade civil, de empresas nacionais e multinacionais do setor de tecnologia, universidades e representantes do Governo do Estado de São Paulo, além da presença internacional de Antonio Acuña, Chefe do Portal de Dados Abertos do Reino Unido e Eleanor Stewart, do Gabinete do Primeiro Ministro do Reino Unido.

Os objetivos da reunião foram:

- Apresentar as iniciativas e experiências de sucesso do Reino Unido; e,
- Planejar as estratégias e ações para criar e viabilizar estratégias de abertura de dados abertos e de web semântica no Brasil.

A lista de presença está anexada na seção de anexos 6.1. [Lista de participantes](#)

2 Abertura do Evento

A abertura oficial da reunião foi realizada por **Vagner Diniz**, *gerente do Escritório W3C no Brasil e do Centro de Estudos sobre Tecnologias Web (Ceweb.br)*.

Após a abertura realizada por **Vagner Diniz**, foi realizada uma breve introdução pelo moderador da reunião, **José Carlos Vaz**. O moderador detalhou a agenda e introduziu os participantes as metodologias de moderação que seriam realizadas durante o evento, bem como os produtos esperados.

2.1 Vagner Diniz - Abertura Oficial do Encontro com Especialistas Sobre Dados Abertos

Vagner Diniz, *gerente do Escritório W3C no Brasil e do Centro de Estudos sobre Tecnologias Web (Ceweb.br)*, iniciou sua fala agradecendo a presença de todos e esperando que estivessem todos satisfeitos após o *brunch* servido pelos organizadores.

Apontou ser essa a oportunidade de trocar figurinhas, em especial em relação a relevância do tema, Dados Abertos. Descreveu o contexto social relevante ao que estamos vivendo e sua importância na agenda política, conectado ao tema geral da transparência. Também conectado, explicou o motivo de colocar nesse encontro o título e temática da *Web Semântica*. Ele disse acreditar que o tema possui grande relevância atualmente e é cada vez mais comum ao cotidiano. Explicou que ao realizarmos algo que acontece em nossa vida face a face, também queremos colocar isso na nossa vida em rede. E esse debate tem muito a ver com isso, a ideia de que dados abertos e Web Semântica é importante para o nosso cotidiano enquanto gestores e cidadãos.

Vagner descreveu saber das dificuldades em relação aos temas e por isso gostaria, através do trabalho coletivo e colaborativo, identificar essas dificuldades, e localizar formas de como transpor essas barreiras, com o objetivo de

animarmos e alavancar resultados ainda mais positivos. Agradeceu que tenham vindo com esse espírito de colaboração para o dia. Agradeceu em especial a presença de **Roberto Agune**, *chefe do departamento de parcerias e inovação da Secretaria de Governo do Estado de São Paulo*, porta-voz do projeto “Melhorando o Ambiente de Negócios no Estado de São Paulo”. Também agradeceu a presença das equipes participantes dos projetos-pilotos do Projeto SPUK. Destacou a presença dos dois consultores que estão trabalhando junto ao W3C Brasil na produção de dois *Guias de Diretrizes para Abertura de Dados e Web Semântica*, **Marco Túlio Pires e Carlos Laufer**. Agradeceu também a presença dos membros do **Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)** e ao **NIC.br (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR)**. Finalizou agradecendo aos convidados internacionais, especialistas do governo britânico em dados abertos, **Eleanor Stewart**, *diretora de Transparência dos Ministério das Relações Exteriores Britânico*, e **Antonio Acuña**, *diretor do portal de dados abertos do Reino Unido*, o **data.gov.uk**.

Passou a palavra ao moderador do evento, **Professor Doutor José Carlos Vaz**, e disse estar esperançoso para que ao final do dia fossem capazes de construir diretrizes sobre os temas que foram propostos. Enfatizou que os participantes são pessoas que estão na linha de frente destas temáticas que estão sendo discutidas e irão fundamentar boa parte das trocas de experiências nas falas de ambos.

2.2 José Carlos Vaz – Metodologia da Dinâmica do Encontro com Especialistas Sobre Dados Abertos

Desejou boas-vindas aos novos participantes e comentou aos participantes da oficina de 24 de março que o trabalho do dia 25 de março pretendia abordar os dados abertos governamentais no cenário brasileiro. Disse imaginar que pela sua trajetória profissional dos participantes, eles teriam condições de realizar discussões significativas na área, para que assim estes desafios sejam superados, e com isso requererá de todos os participantes da oficina um esforço estratégico de construção coletiva. O moderador destacou que a conversa seria a respeito de quais os grandes desafios envolvendo as temáticas de Dados Abertos e Web Semântica, e quais estratégias podemos adotar para superar esses desafios de aprimoramento.

José Carlos Vaz explicou que pretendeu-se realizar um mapeamento, através do material produzido pelos participantes, para indicar quais os desafios a serem superados, os caminhos possíveis para atingi-los, as possibilidades e alternativas.

Para explicar a dinâmica, Vaz destacou que iniciaria as atividades ouvindo os convidados internacionais, especialistas em dados abertos do governo britânico, **Eleanor Stewart e Antonio Acuña**. Na sequência, **Vagner Diniz** faria um breve comentário a respeito do cenário brasileiro e em seguida, houve um debate sobre o apresentado e discutido durante todo o dia.

Após as palestras dadas pelos especialistas, os participantes se organizariam em pequenos grupos, com o objetivo de visualizarmos os desafios e discutir os problemas relacionados as temáticas de hoje (Dados Abertos e Web Semântica) nos diferentes níveis de governo do Brasil. Após isso serão traçadas pequenas estratégias, que serão apresentadas pelos grupos e após a apresentação dos grupos, um debate aberto sobre o que foi discutido nestes grupos. Finalizando esta discussão, haverá comentários dos especialistas internacionais em uma plenária final. O moderador pediu para que cada um se apresentasse e seguindo adiante, deu a palavra aos convidados, para explanarem a visão dos desafios e oportunidades na utilização de dados abertos como políticas pública no Reino Unido.

3 Apresentação das iniciativas e experiências de sucesso do Reino Unido e Brasil

Após explicar como a metodologia planejada para a reunião, **José Carlos Vaz** concedeu a palavra a **Eleanor Stewart**, *diretora de Transparência do Gabinete do Primeiro Ministro Britânico*.

3.1 Apresentação de Eleanor Stewart

Eleanor Stewart, iniciou sua fala se apresentando como *diretora de Transparência dos Ministério das Relações Exteriores Britânico* disse estar envolvida com a temática de Dados Abertos há um certo tempo. Seu objetivo era mostrar a jornada do Reino Unido na abertura de Dados Governamentais, passando pelos caminhos trilhados, as principais adversidades e a situação atual, finalizando por onde podemos caminhar.

A diretora de Transparência lembrou que tudo começou no ano de 2000, quando não havia nada de concreto ao tema de Dados Abertos, com algumas iniciativas em nível local e internacional, servindo na época como parâmetros para o desenvolvimento do projeto. Contudo, após uma alteração na legislação em vigor, para a utilização de informação pública, foi notada um excesso de trâmites burocráticos que impediam o cidadão de ter livre acesso a informação produzida pelo governo. Esse processo coincidiu com a fase de imersão da *Web 2.0*, que junto à grande expansão de uso de redes sociais foi um pontapé para os cidadãos demonstrarem seu descontentamento com os serviços prestados pelo governo. Eleanor explicou que em grande parte através das redes sociais, foi possível mapear, dialogar e mensurar parte desse descontentamento para, a partir desses estudos, desenvolver quatro principais pilares em relação ao processo de abertura:

- **Open Information** (Abertura de Informação): para se ter uma voz eficaz, as pessoas precisam ser capazes de compreender o que está acontecendo em seus serviços públicos. Para tanto, o governo deve publicar informações sobre serviços públicos de forma simples de ser encontrada e reutilizada;

- **Open Innovation** (*Abertura de Inovação*): promove a inovação em serviços públicos *on-line* de modo a responder às novas expectativas geradas pela população;
- **Open Discussion** (Discussão Aberta): promove maior envolvimento com o público através de consultas *on-line*, o que gera maior interação e colaboração entre as partes envolvidas no processo;
- **Open Feedback** (Retorno da População): essa abertura trata da parte final do processo, onde o público deve ser capaz de ter uma palavra a dizer sobre os serviços utilizados, servindo como parâmetros para avaliar o que vem sendo realizado.

Stewart contou aos participantes que em janeiro de 2009, foi lançado o **data.gov.uk**, e durante aquele período percebeu-se que essa é uma ferramenta importante de comunicação com a população, uma vez que aquele cenário, pós Crise Econômica Mundial de 2008, demandava um maior nível de diálogo entre governo e sociedade, principalmente utilizando a informação pública como ferramenta desse elo. Desta forma, Iniciou-se uma nova abordagem, convidando a população a participar através da *Web*. Foi criado o *Show us a Better Way*¹, uma iniciativa que buscou aliar população, desenvolvedores e demais interessados a utilizar os dados públicos que estavam sendo disponibilizados de modo a reutilizar as informações de uma forma diferente da utilizada inicialmente, visando a implementação de melhorias nos serviços públicos implementados.

Após iniciar esse projeto, Eleanor Stewart contou que foram recebidos diversos tipos de abordagens e ideias para o uso dos dados. Foram sugeridos diferentes tipos de mapeamento de informações, envolvendo desde a localização de banheiros públicos, matrículas em escolas públicas ou o uso dos dados dos sistemas de transporte público. O programa hoje oferece cerca de 20 mil libras esterlinas em premiações para as melhores inovações colocadas em prática. Essa experiência foi o pontapé inicial para o primeiro *Government Hack Day*², evento onde desenvolvedores gestores e população podiam trabalhar juntos para mostrar como, através de aplicativos tecnológicos, problemas do cotidiano poderiam ser resolvidos. No *Government Hack Day*, realizado ainda em março de 2012, ela destacou que teve contato com um *hacker* brilhante que pode dar a ela uma visão totalmente

¹ <http://www.showusabetterway.co.uk>

² <http://hacks.rewiredstate.org/events/nhtg-2009>

nova do trabalho que estavam realizando até então. De acordo com ele, toda a liberação dos dados estava sendo feita através de uma única mão, ou seja, o governo disponibilizava os dados, mas não mantinha um diálogo com a comunidade de usuários ou mesma a população a respeito daqueles dados.

Segundo o *hacker*, não se podia mensurar se, de fato aqueles dados disponibilizados eram relevantes ou eram desejados por usuários, e esse era um ponto crucial para a ampliação da cultura do uso de dados. Um dos exemplos na utilização estatística e mapeamento dos dados disponibilizados se encontra a seguir. Temos aqui um mapeamento de comportamentos antissociais em certas vizinhanças londrinas, o que mostra o grande grau de diversificação no uso de dados. Com a ampliação do uso dos dados abertos, foi exponencial o nascimento de novos portais que passaram a fazer uso dessas informações nas mais diferentes áreas.

Eleanor finalizou explicando que um dos principais desafios do momento é a liberação e utilização de dados com qualidade. No Reino Unido é muito difícil conseguir trafegar esses sistemas e esses dados. O objetivo é criar uma relação colaborativa entre governo e cidadãos. Para ela, as pessoas passaram a buscar saber como estavam sendo alocados os investimentos públicos, como os impostos seriam investidos, e de certo modo passaram a junto ao governo se tornarem responsáveis por suas ações.

3.2 Apresentação de Antonio Acuña

Antonio Acuña, *diretor do data.gov.uk*, inicia sua fala parabenizando os guias de abertura de dados e de Web Semântica que estão sendo desenvolvidos destacando a importância dessas ações. Disse que tinha como objetivo descrever alguns desafios que ainda lhe fazem perder o sono durante a noite, pois precisam resolver cada um deles, o que não é algo tão simples. Para ele, sobre os dados abertos, o que importa é o conteúdo, a qualidade desse conteúdo. Quando foi iniciado o diálogo com os diversos departamentos, nos mais variados setores que eram responsáveis pela coleta dos dados, era perguntado: “Vocês sabem do que se tratam esses dados e/ou informações?”. Antonio explicou que muitas vezes as pessoas não sabiam direito o que era aquilo que estavam

lidando.

Acuña enfatizou que o processo de abertura de dados sempre foi um grande desafio, por isso perguntava a quem estava realizando o processo: 1- Já, conversou com as pessoas nos departamentos responsáveis pela liberação dos dados? 2- Já Conversaram com seus usuários a respeito dos dados, para terem certeza se, de fato, eles são mesmo relevantes?

Destacou que também deve-se manter um diálogo com essas pessoas para que todos tenham conhecimento dos motivos pelos quais estão coletando e liberando esses dados e/ou informações. No início, muitas vezes desenvolvedores e usuários se queixavam da existência de dados inúteis. Era algo como: "Por que você está me dando X, Y, e Z, se na realidade eu preciso de V?" Portanto, o diretor de transparência foi enfático: O diálogo é algo importante. Para ele, outro ponto crucial é o fato da necessidade de estruturar os dados. Deve existir uma estrutura básica, como por exemplo, a classificação da publicação dos dados entre uma e cinco estrelas.

É importante enxugar os dados [reduzir o número de colunas inúteis], mas deve-se definir como eles serão classificados. No entanto, o diretor pergunta aos participantes, "o que significa isso?".

Ele explicou que a maior parte dos órgãos públicos não sabe o que existe em seus bancos de dados e em seus conjuntos de dados, uma vez que eles não estão bem definidos *a priori*. Ele aconselhou que é preciso se pensar em termos de vocabulário, para que esses dados possam passar para um melhor nível de especificação. Antonio destacou que isso é algo que deve ser trabalhado desde o início e na base de dados. Por exemplo, o vocabulário é um desafio importante, pois se for serem abertos os dados de um departamento, mas existir apenas um arquivo, e ele não é autoexplicativo, esse esforço se torna inútil, pois é preciso saber do que se trata aquela informação, caso contrário ela não pode ser reutilizada.

Antonio contou de uma viagem que fez até uma agência de governo no interior da Inglaterra, num trabalho de auxílio aos órgãos menores para abrirem seus dados. Chegando lá, Antonio quis saber quem era o responsável pelos dados e informações no local, e disseram a ele que ele precisava falar com a Mary. Quando chegou até a Mary e perguntei sobre os dados que eles possuíam, ela prontamente me respondeu: " Sim, claro, o que você

deseja saber?”. Deste modo ele percebeu que não existia nenhum sistema de coleta de dados e informações. Havia apenas a Mary, uma simpática Senhora de 69 anos que guardava todas as informações do local. E isso leva a pergunta, e no dia que a Mary for embora? A informação simplesmente acaba e se perde?

Por isso, Antonio disse acreditar que a abertura de dados é um processo que deve ser iniciado na base, dentro dos órgãos que coletam esses dados. Deve-se criar processos que possibilitem as pessoas saberem o que estão fazendo de uma forma clara, sem ficar sempre dependendo da “Mary”. As pessoas precisam olhar e saber o que estão fazendo, devem saber o porquê de estarem capturando esses dados, ou mesmo de utilizarem aquele novo vocabulário.

O diretor de transparência destacou que algo positivo a respeito do *linked data* é o fato de facilmente verificar o resultado que você almeja. Se você quer atingir certos objetivos, é importante que se deixe claro para todos que fazem parte do que se trata, para que todos possam entender, desde os especialistas até funcionários da base de processos. Mas é importante ter em mente que esse não é um processo rápido, é algo que leva tempo. Ele confidenciou que ao iniciar um dos projetos de abertura no governo britânico levou cerca de quatro meses somente para encontrar uma empresa que sabia operar uma base de dados específica e antiga. Questionou a todos se imaginavam o tempo para tornar esses dados reutilizáveis.

Finalizando, Antonio recomendou que seja encontrado pessoas com aptidão para abertura de dados, bem como empoderar empresas e outras organizações da sociedade civil pra essa abertura, já que se pode trabalhar com projetos e organizações que trabalhem de forma mapeada, unindo esforços em prol de um objetivo único, o que também é algo desafiador. Esses foram apenas alguns dos desafios e obstáculos que enfrentei na minha jornada e que vocês também podem se deparar. Ainda assim, é algo super empolgante, porque sei que tem muito mais gente fazendo isso ao redor do mundo, tendo inclusive, resultados muitos positivos no uso de Big Data, Big Science, etc. Agradeceu a todos pela atenção.

3.3 Apresentação de Vagner Diniz

Vagner Diniz, a partir das apresentações dos convidados internacionais, iniciou sua fala destacando diversos desafios que temos para a realidade brasileira, que na verdade, não acredita serem muito diferentes dos enfrentados pelo Reino Unido, ou mesmo em outras experiências ao redor do mundo.

Para ele, primeiramente o desafio da capacitação [dos envolvidos no processo] é essencial para que se possa ter clareza no que precisamos ter com relação ao que buscamos obter no processo de ampliação da transparência pública. Diniz apontou que é preciso ter em mente o que é essencial conhecer e entender da informação que está sendo lidada para que ela seja reutilizada da melhor forma. Com isso torna tais medidas desafios permanentes, e que não tem solução, pois são recorrentes e cada vez mais se deparam diante de nós, uma vez que a tecnologia é bastante dinâmica e sempre nos apresenta desafios com relação a manipulação de dados.

Diniz fez alguns comentários a respeito da realidade e brasileira e fazer esse contraponto sobre o que foi pela Eleanor Stewart e Antonio Acuña, para que seja possível traçar uma linha do tempo sobre Dados Abertos no Brasil.

1. Inicialmente, ainda em 2008, quando a temática apareceu no país, o W3C Brasil, em uma de suas reuniões, apresenta um **vídeo feito por Tim Berners-Lee**³ [criador da Web], onde o tema “Dados Abertos” é inicialmente **apresentado como um vetor de aferição de demandas sociais e cívicas**.
2. Depois de um ano que o tema passou a circular com maior intensidade no Brasil, um outro marco é extremamente relevante no que tange a temática: **o memorando elaborado pela gestão Barack Obama nos EUA**⁴, que, ainda em seu segundo ano do primeiro mandato, se compromete imprimir um governo aberto sem precedentes na história norte-americana, determinando diretrizes de publicação de dados abertos governamentais no poder executivo federal do país.

³ <http://www.w3.org/People/Berners-Lee/>

⁴ https://www.whitehouse.gov/the_press_office/TransparencyandOpenGovernment/

3. Em setembro de 2009, a **clonagem do Blog do Planalto** foi um fato marcante para o surgimento do grupo Transparência Hacker. O blog, desenvolvido em plataforma aberta [*Wordpress*⁵], tinha como estratégia aproximar o governo federal dos cidadãos através da Web, mas não permitia interação com os usuários. Utilizando a mesma plataforma do blog oficial, dois ativistas criaram uma versão “clonada” do blog oficial, transmitindo as mesmas informações, mas possibilitando interações entre os usuários, onde os mesmos podiam postar comentários, entrar em contato, algo que não era possível na versão oficial. A descoberta da clonagem gerou uma grande discussão sobre abrir ou não tais informações, ou porque não gerar maior interatividade com os usuários do blog.
4. Em janeiro de 2010, o **terremoto que atingiu o Haiti**, resultou num **movimento colaborativo** muito importante no seu processo de abertura de dados. Uma vez que não se existiam informações a respeito do mapeamento geográfico ou urbano da capital do país, a **construção de uma mapa interativo, através de informações advindas de órgãos**, como a CIA⁶ (*Central Intelligence Agency* - Agência Central de Inteligência do Governo dos Estados Unidos), feito de forma muito rápida, o que ajudou a ONU (Organização das Nações Unidas), a divulgar um mapa oficial em um curto espaço de tempo, o que contribui para que todos os envolvidos na reconstrução do país pudessem rapidamente ter definidos suas ações. Desse momento em diante começaram a surgir respostas efetivas sobre o uso de dados abertos.
5. Outro marco fundamental para a linha de tempo de dados abertos foi o início das realizações do **International Open Data Conference**⁷ (IODC), que teve sua primeira realização em Washington D.C., em julho de 2012. A fala da presidente Dilma Rousseff na abertura do evento serviu como forma de reforçar a importância da política de dados abertos a nível mundial e também no Brasil. Isso sem dúvidas teve uma grande repercussão, e a partir de então começou a surgir uma nova discussão a respeito de uma maior regulamentação de dados abertos governamentais, ampliação de sua estrutura de uso, além da abertura de diversos novos portais da temática nas diferentes esferas de governo.

⁵ <https://wordpress.com/website/>

⁶ <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/us.html>

⁷ <http://opendatacon.org>

6. Ainda em 2012, fruto de muita discussão da sociedade civil, setor empresarial, Ministério da Justiça Controladoria-Geral da União (CGU) e outros órgãos de governo, é regulamentada a Lei nº 12.527/2011 que passou a regulamentar o direito constitucional de acesso às informações públicas. A norma entrou em vigor em 16 de maio de 2012 e criou mecanismos que possibilitam, a qualquer pessoa, física ou jurídica, sem necessidade de apresentar motivo, o recebimento de informações públicas dos órgãos e entidades. A **Lei de Acesso à Informações Públicas**⁸ (LAI, como ficou popularmente conhecida), foi ainda mais importante no que se refere a pioneirismo, pois foi a primeira regulação federal no mundo a conter artigos relativos a utilização de dados abertos como um formato sugerido para utilização.
7. Em abril de 2014, após mais de quatro anos de discussão no congresso nacional é aprovada e entra em vigor a Lei nº 12.965/2014, o **Marco Civil da Internet**⁹, norma que passou a regular o uso da Internet no Brasil, por meio da previsão de princípios, garantias, direitos e deveres para usuários e provedores.

Vagner destacou que os participantes poderiam constatar que através dessa linha do tempo o movimento já atingiu a marca de seis anos de discussões no que diz respeito à normas e legislações do tema de Dados Abertos, o que por si só já é algo muito positivo, pois indica que nossas discussões têm sim gerados resultados, como suas transformações em leis. Para ele, isso indica que o tema tem sim muita relevância. Quando nos deparamos com a quantidade de dados efetivamente publicados em formato aberto por governos, podemos notar que é muito menor do que o volume de dados que nós temos hoje publicados em relação ao possuídos pelos mesmos.

Diniz também comentou sobre a pesquisa que é realizada anualmente referente à coleta de dados referentes das páginas com o domínio “.gov.br”, onde são analisados os conjuntos de dados digitais disponibilizados nas páginas desse domínio. O resultado da última pesquisa apontou que 93% dos dados disponibilizados em formato digital são entregues em formato PDF (*Portable Document Format*). Ele explicou que isso significa que cerca de dez milhões de páginas com o domínio “.gov.br”, publicam informações em um formato que não pode

⁸ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm

⁹ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm

ser reutilizado. Ainda que isso possa não representar efetivamente a proporção de dados que temos hoje, é um indicativo que ainda temos um grande caminho a trilhar no que se refere à publicação de dados abertos.

O tema dados abertos veio atrelado à questão da transparência, mas acredito que cabe deixar claro que essa correlação não é tão direta. ***Se você é transparente, você publica dados em formato aberto. Se você publica dados em formato aberto, você é transparente.*** Hoje o movimento que leva o Brasil a ser um país muito mais transparente que no passado, tem mais a ver com a **Lei de Responsabilidade Fiscal**¹⁰ (LRF, Lei Complementar nº 101), que exige que o agente público seja transparente, caso contrário será punido.

Vagner Diniz enfatizou que transparência e dados abertos não possuem uma correlação direta. **Dados abertos têm a ver com formato. Transparência tem a ver com princípios.** O que foi vivido na reunião em termos do conjunto de informações em formato aberto e que possam ser utilizados em, é o conjunto que podemos chamar diminuto, porque o formato aberto não garante o reuso daquele dado publicado. O debate que existe hoje, citado inclusive nas atividades de ontem (24/03/2015) se refere à questão: **“Vale a pena publicar os dados em formato abertos se não sei se eles serão reutilizados?”**.

Por outro lado, temos uma outra linha de abordagem, que é, os dados são públicos por sua natureza, então eles devem ser públicos, publicados, e de preferência em formato aberto. Não importa se serão utilizados ou não, devem ser publicados. Essa discussão ainda é mal resolvida e precisamos nos aprofundar. No entanto, antes mesmo de decidir a respeito de qual dado publicar, é preciso haver a vontade política de publicar, e cultura de consumo desses dados. Vagner exemplificou isso através do clone do Blog do Planalto. Questionou os participantes para verificarem a URL do site (*Uniform Resource Locator* – ou seja, o endereço do site), poderá ser visto que a página da web não está disponível. E isso acontece com várias outras aplicações, que surgiram reutilizando dados do governo e simplesmente desaparecem, portanto, publicar ou não, é uma decisão difícil de ser tomada. Para evitar estes problemas, é preciso que haja um diálogo, um pacto sobre o uso de dados abertos para que possamos publicar dados realmente relevantes. E acredita que não só do governo, mas por

¹⁰ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp101.htm

empresas, escolas, academias de ginástica, etc., onde os dados também são muito fechados. Precisamos trabalhar nessa cultura de dados, ou do contrário o processo será muito lento.

Concluindo, ele destacou que deve-se ter em mente que Dados Abertos é um compromisso contínuo. Uma das aplicações mais importantes surgidas nos últimos tempos é Retrato da Violência Contra a Mulher no Rio Grande do Sul¹¹. Utilizando Dados Abertos da Secretaria de Segurança Pública do Estado, foi possível criar um mapeamento claro a respeito da violência praticada contra a mulher no estado gaúcho. Hoje, no entanto, os últimos dados que se encontraram são referentes ao ano de 2012. Isso mostra que, para uma política funcionar, é necessário comprometimento de ambos os lados no processo de continuidade e de sucesso de dados abertos. Antes mesmos de falarmos de Dados Abertos, Dados Conectados, Web Semântica, temos questões muito mais básicas e elementares para serem resolvidas do que imaginamos, porque essas questões básicas ainda não estão totalmente claras no nosso ecossistema de dados abertos e transparência.

3.4 Comentários das Apresentações das iniciativas e experiências de sucesso do Reino Unido e Brasil

José Carlos Vaz

José Carlos Vaz agradeceu a Vagner Diniz pela fala e iniciou o momento de debate sobre as apresentações feitas pelos especialistas e pelo próprio diretor do CEWEB e W3C Brasil. Destacou que as intervenções deveriam ser breves e de que após o intervalo, os participantes seriam divididos em pequenos grupos para tentar lidar com esses desafios.

Gisele Craveiros (USP) iniciou seu comentário apontando que a avaliação do impacto de Dados Abertos na sociedade acredita ser ainda uma questão ainda em aberto. Para ela, um dos achados nos últimos estudos que sua organização tem feito, é sobre a qualidade dos dados, uma vez que, nem sempre a qualidade dos dados era um

¹¹ <http://retratodaviolencia.org/RS/>.

fator primordial, e sim nos intermediários, que são capazes de traduzir os dados, gerar valor agregado, pois eles possuem maior chances de provocar melhores impactos com relação a esses dados.

Percival Henriques – (CGI.br) afirmou que o problema está na aplicação dos Dados Abertos. Tomou como exemplo o evento do dia de hoje: a maioria aqui presente é de pessoas do Governo do Estado de São Paulo, demonstrando que ainda falta uma maior participação de outros entre, prefeituras, outros órgãos governamentais e basicamente a população e entidades da sociedade civil que fazem uso desses dados.

Carlos Laufer, destacou que é preciso de mais otimismo em relação ao tema de Dados Abertos. Ele explicou que quando a *Web* começou, existia uma infinidade de *links* quebrados, pessimismo na sua aplicação, entre outros problemas, e destacou o estado positivo que a Internet (Web) se encontra atualmente. Então, entende que estamos em um momento inicial, e apesar do estado avançado, ainda estamos no início de todo um processo maior. Também disse concordar com o Vagner (Diniz), ao apontar que a melhor forma de desenvolvermos essas questões, é termos compromisso contínuo com a cultura de dados abertos. Finalizou perguntando a **Antonio Acuña**, quais setores ele poderia identificar no Reino Unido, que tiveram, ou ainda têm maiores necessidade de apoio, ou desafios a serem enfrentados nesse ponto.

Antonio Acuña (UK), respondendo a **Carlos Laufer**, de que ele estaria correto, concordando com ele e crê que essa abordagem está correta. Mas voltando a pergunta, descreveu acreditar que existam dois pontos pertinentes na agenda de desafios:

1. Aqueles que estão de fora do processo decisório sempre querem tomar a frente, culpando o governo pela não publicação de dados. Acredito que a única obrigação do governo de publicar dados, mas acho que devemos tentar trabalhar para trazer os demais participantes para esse ambiente. A sociedade civil geralmente grita com os governos, fazendo parecer que se trata de uma relação de mão única. Precisa-se encontrar uma dinâmica dupla, onde ambos os lados falem e escutem um ao outro.

2. Em segundo lugar, a importância de estatísticas nesse processo. Estou sempre buscando saber quem vai ser o intermediário, mas quem vai ajudá-los no tratamento desses dados. Quem poderia ser, o governo? Perguntou Antonio.

Gisele Craveiros (Universidade de São Paulo - USP) enfatizou a **Antonio Acuña (United Kingdom)** que acredita que essa problemática de participação estar muito mais relacionado com o ponto de vista, da história da participação social no Reino Unido, sendo muito diferente da realidade brasileira. Para a professora da USP, hoje ainda estamos debruçados sobre a definição do que é um governo aberto. Onde é esse espaço de cooperação entre governo e sociedade civil? Seja nas mais diferentes formas de trabalho.

Eleanor Stewart (United Kingdom) disse concordar com **Gisele Craveiros (USP)** disse acreditar que exista uma curva de desenvolvimento em relação ao tema de Dados Abertos. O Reino Unido é um exemplo bem único, uma vez que as pessoas já são por natureza engajadas no tema e trabalham em prol da liberação e uso desses dados. A mídia no Reino Unido tem um perfil mais independente, e de forma geral, trabalha ajudando o governo na divulgação e uso desses dados. O que nota em outros países, como no leste europeu, em especial na Croácia, é uma falta desse sincronismo. Como engajar os cidadãos para utilizarem esses dados produzidos, uma vez que os governos devem dizer a todos o que e como fazer, então o tema não avança. Para ela, o papel de um cidadão não é só ouvir, ele também você deve agir, sabendo de suas responsabilidades. Isso pode ser feita de forma individual ou até mesmo grupos, seja através de pesquisa, no setor acadêmico, ou de ativismo.

Marcos Silveira (Empresário – Desenvolvedor) iniciou sua fala apontando que quando se fala de governos em deve-se destacar alguns pontos. Questionou qual o estado da arte em relação ao tema dados abertos no Brasil? Qual nossa situação em termos de pacto federativo? Para ele, foi colocado, na apresentação do Vagner Diniz, que cerca de 93% das informações públicas disponibilizadas em sites com o domínio “.gov.br” estão em formato PDF. No entanto, se olharmos do ponto de vista que, essas páginas desse domínio já estão seguindo essas orientações para a abertura de dados já é um grande avanço. Ainda falando sobre governos temos um déficit de qualificação enorme, de cerca de 1 milhão de servidores públicos. Por ano, formamos somente cerca de cinco mil gestores

públicos capacitados a realizar funções específicas nesse sentido, então ainda temos muitas pessoas sem a formação adequada no serviço público. Indagou a todos como podemos demandar utilização de dados abertos e demais especificações se não temos recursos humanos adequados para executar tais demandas? Para ele, a população não está preocupada sobre o que o governo pode oferecer, e sim sobre o que ela quer.

Heloisa Pait (Open Knowledge) disse acreditar que no país exista uma questão cultural e que muitas expectativas e certo receio da população com relação ao uso da tecnologia, pois muitas vezes a mesma é encarada como uma forma de controle. Outro dia no Senado foi proposta a criação de uma “Nota Fiscal Brasil”, nos moldes da paulista, e ela esbarra em certo receio por conta do que pode ser feito com a base de dados criada. No entanto, pelo que pôde observar desde ontem, ficou surpresa com as semelhanças entre o cenário brasileiro e o britânico em relação ao tema. Temos também aqui um cidadão faminto pelo uso desses dados, uma imprensa que também quer fazer utilização das informações, e acredito sim que possamos sim avançar nesse setor.

Airton Ruschel (Ministério da Cultura e Tecnologia) respondendo a **Gisele Craveiros (USP)** e sobre o *Linked Data*, fez uma remissão ao contexto histórico nacional. Após a promulgação da atual Constituição Federal, em 1988, disse acreditar que a constituição Federal foi a responsável por criar no país um modelo de reconstrução focado em um molde muito mais burocrático que buscava retirar do Estado o caráter clientelista presente nas décadas anteriores, buscando justamente reinventar a atuação do Estado e criar um modelo pautado no Insulamento burocrático¹². Então, atualmente parece que o vivemos um momento onde é forte a necessidade de caminhar buscando enxergar quais as novas construções políticas necessárias para que o cidadão consiga moldar uma melhor representação social e diálogo com o estado junto ao Estado. Ainda somos insipientes nessa área, e nosso atual nível construção coletiva demonstra isso. A legislação atual aprovada nos últimos anos já é uma prova da importância dos governos divulgarem seus dados de modo a melhorar esse cenário.

Maria Isabela de Tommaso Falleiros tratou de um ponto específico, em especial para aqueles que estão dentro do governo, em relação a integração dos dados com o processo de trabalho. Cada organização tem seus dados, mesmo quando inúteis, as pessoas não têm processos de trabalho em que utilizem esses dados propriamente.

¹² http://books.google.nl/books/about/A_gramática_pol%C3%ADtica_do_Brasil.html?id=FdiLI_K8TkMC&redir_esc=y

Criou-se uma cultura de não utilização plena dos dados, se pensarmos na Nota Fiscal Paulista (NFP), e no Bilhete Único. Existe uma quantidade enorme de dados que são subutilizados, e que poderiam ser melhor utilizados. Ela questionou a todos se esse horizonte de trabalho também está aberto pra sociedade, queria trazer esse desafio, como o governo pode colaborar com a sociedade na utilização desses dados?

Ernesto (Fundação Lemann) destacou que há um desafio importante no federalismo no Brasil. Atualmente, no país existem 5570 municípios, e a Fundação Lemann, junto da Secretaria Municipal de Educação de Maceió (AL), possui um projeto para reutilização de dados, mas não possuíam gente capacitada para trabalhar com micro dados. Então esse é só um exemplo para evidenciar a falta de especialização no Brasil para superar esses desafios. Para Ernesto, existem ainda uma série de perguntas que ainda não tem solução previamente definidas e que são fundamentais para o início desse processo. Questionou a todos, como o governo federal, estaduais e municipais podem trabalhar de modo a criar diretrizes para utilização desses dados? Quais os tipo de diretrizes podemos dar pra coleta desses dados?

Domingos Alves (Universidade de São Paulo - USP) comentou que para o professor, a integração, a partir de dados e micro dados no setor público, onde o servidor, até mesmo pelo grande volume de trabalho, não consegue trazer tais informações para o uso prático no seu dia-dia. O conteúdo do dado é uma parte importante da questão. Semanticamente, é correto dizer que alguém morreu de “nó nas tripas” (Obstrução Intestinal), mas para a área da saúde é uma informação irrelevante, ou mesmo pouco produtiva. Ele explicou que isso mostra que é preciso abrir os dados de forma correta. E isso para ele é um indicativo da necessidade de uma capacitação sistemática com relação ao tema em todas as esferas governamentais no país. Para isso, é preciso trazer capacitação para os funcionários, de modo que os mesmos possam abrir seus dados com qualidade e de maneira inteligente, visando justamente uma melhor tomada de decisão em aspectos essenciais com o aporte dessas informações.

Airton Ruschel (Ministério da Cultura e Tecnologia) Airton viu que para alcançar a qualificação de três estrelas na publicação de dados é algo mais simples e até próximo do possível, uma vez que depende muito mais dos processos de liberação dos dados. No entanto, atingir quatro e cinco estrelas é muito mais complicado, pois é algo mais técnico, e depende mais de fatores tecnológicos. Acredita que os manuais de Abertura de Dados e Web

Semântica que estão sendo elaborados são muito importantes pois irão facilitar a obtenção de um maior número de estrelas. Esse é o real desafio, fazer a integração dos dados e dar capacitação para os responsáveis pela liberação dos dados. Precisamos agregar qualidade aos dados que possuímos para que possam gerar conhecimento, de fato, ao serem disponibilizados.

Marcos Silveira (Empresário - Desenvolvedor), marcos apontou identificar que a Cultura do uso de dados abertos no país já existe, bem como a tecnologia para a publicação dos mesmos, que também é acessível, até certo ponto, disponível em formato aberto, algo que é plenamente favorável para a publicação dos dados. No entanto, para o desenvolvedor, de fato, a questão da capacitação técnica é um entrave. Faltam habilidades técnicas, em larga medida para os envolvidos no processo, bem como faltam dados abertos e conectados. Acredita que ainda há um desconhecimento sobre como conseguir mostrar a importância que tem os dados nos dias de hoje, e como é importante ter conhecimento dos dados e poder combiná-los, como isso cria empoderamento, bem como as possibilidades de tornar a vida das pessoas mais fácil. As pessoas ainda desconhecem o poder que os dados têm e carregam em sua natureza. Desconfio que a falta do conhecimento do poder dos dados pode ser comparada com a forma que facilmente liberamos nossos dados pessoais na internet, por isso creio que é necessário trabalhar na melhor forma de comunicação de como a utilização dos dados abertos pode gerar mudanças positivas na rotina diária das pessoas.

Heloisa Pait (Open Knowledge) Heloisa indagou sobre o Sistema de Informações de Mortalidade¹³ (SIM) do Ministério da Saúde, sistema coleta e consolida dados referentes aos óbitos informados em todo território nacional, perguntando desde quando ele está disponível? Ela acredita que o SIM é um exemplo de dados abertos há 20 anos disponível no Brasil, e pasmem, com informações coletadas na área de saúde, e que servem como base para mapear a violência no país. O Ministério da Justiça usa esses dados para realizar um mapeamento, porque é no sistema que constam informações referentes aos motivos das mortes. Contudo, para ela, essa não é uma experiência única, com relação ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), temos o exemplo da Plataforma Aquarius, que busca, além da oferta de painéis de gestão e acompanhamento com dados editados,

¹³ <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=060701>

oferecer repositório de dados abertos associado a serviços que facilitem seu acesso. Ela destacou que é interessante também comentar que, no Poder Judiciário, o processo eletrônico é público, então o cidadão pode encontrar na internet o andamento do seu processo e de outros, sem ainda a preocupação dos dados abertos, que é a algo que precisa ser trabalhado.

Paula Opromolla achou interessante as falas e questionamentos, mas a impressão que possui é de que estamos sob uma redoma de vidro, em que não conseguimos ter a mínima noção de que o buraco é mais embaixo. Não há tradição em levantamento de dados. As coisas que funcionam no Brasil, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou ainda o Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), que na verdade existe desde 1975, ou seja, 40 anos, só funcionam porque deles depende a emissão de Atestados de Óbito, o que incide diretamente no direito à herança, que basicamente indica dinheiro, e precisa ser sistematizado adequadamente. Ela explicou também que o IBGE funciona, porque dele depende distribuição de dinheiro, então não adianta falarmos de grandes tecnologias, sem que saibamos para que serve de fato aquilo. O que os nossos colegas da Inglaterra estavam apresentando, em relação aos seus desafios, nem se equiparam ao nossos, que ainda estamos muito atrás, uma vez que no Reino Unido existe uma tradição já secular na coleta e armazenamento de dados que vem 1600. Lá os dados são sistematizados e as coisas de fato, funcionam, então acredito que ainda em um patamar mais baixo, tendo para as pessoas que vale a pena reutilizar os dados e informações, porque é algo importante.

Carlos Laufer (especialista Web Semântica) disse não saber quantos de tiveram oportunidade de ler os pontos que serão abordados ao longo dos guias de Abertura de Dados e de Web Semântica, mas ele disse ter escrito um ponto específico, indicando que o Brasil está em um momento de construção de uma nova arquitetura de sistemas. Antes elas eram construídas de forma vertical, ou seja, existia a base de dados, e a partir dela era construída sua base de utilização. Hoje, você cria sua camada de base de dados, e em cima da sua camada, são feitas as aplicações, então, o dado em si precisa de algo que será usada em cima dele, o que corresponde a uma estrutura horizontal. Assim, acabe-se criando uma cadeia de valor, e esse valor pode ser remunerado por dinheiro, por exemplo. De alguma maneira o intermediário tem que surgir, no entanto não é preciso esperar tanto, uma vez que os governos também podem ser intermediários. Ele exemplificou dando os exemplos de empresas gigantes que

vivem a partir da dados, como Facebook, Google e Twitter, mas não se pode somente enxergar essa forma, pois esse é um caminho que também pode ser utilizado com outros viés, como o acadêmico ou mesmo o social.

Heloisa Pait (Open Knowledge) respondeu a **Carlos Laufer** que para ela ainda há uma dicotomia, quando fala-se dessas empresas, a relação que temos com a tecnologia vinda do Estado, temos a ideia de que estamos sendo vigiados e oprimidos, são duas visões distintas.

Carlos Laufer (Especialista em Web Semântica) respondeu à **Heloisa Pait**, de que não sabe bem ao certo, por que hoje, acredito que o Estado também tem essa percepção de que está sendo vigiado, e acho que isso acabará se tornando algo normal.

José Carlos Vaz iniciou o intervalo e explicou que após este intervalo será realizada a dinâmica de grupos a partir das apresentações dos convidados e dos comentários dos participantes.

4 Discussão em Grupos das Dimensões e Desafios para os Dados Abertos e Web Semântica discutidas pelos participantes no Encontro

José Carlos Vaz, explicou aos participantes que durante o intervalo, foi decidido pela divisão em quatro grandes blocos, que serviram para direcionar nossos próximos esforços, de modo que, agora, iremos apresentar direcionar nossas atenções para quatro pilares referentes aos temas abordados anteriormente e que nos debruçaremos a partir de agora. Esta divisão está explícita na **figura 1 – Divisão de Blocos dos Desafios para os Dados Abertos e Web Semântica**.

Ao longo da discussão ficou evidente que é preciso avançar, não só nosso conhecimento como nas práticas no sentido de preencher capacidades técnicas ainda não supridas pela área de dados abertos conectados. Assim, **o primeiro grande bloco de discussão surgido, é referente à análise da ampliação das capacidades técnicas e tecnológicas para a publicação e utilização de dados abertos**.

O segundo bloco é referente aos governos. Temos aqui trabalhado com temas desde a falta de mão de obra qualificada para o processo de abertura até especialistas em arquitetura de dados, baixa integração de dados com processo de trabalho, dificuldades de construir relacionamentos com os governos, que são base da baixa capacidade institucional do Estado, que precisa aprimorar essas capacidades para se envolver mais e ter melhores resultados nesses campos.

O terceiro bloco envolve os desafios do envolvimento e a capacidade da sociedade civil para reutilizar dados governamentais e produzir novos dados e serviços, de modo a trabalhar visando um maior empoderamento.

O quarto, e último bloco, envolve a dimensão de desafios relativos ao campo dos dados abertos, em especial ao conjunto de pessoas e organizações mobilizadas em torno dessa temática. Como dito pela Gisele (Craveiros) anteriormente em sua fala. Aqui temos um bloco que chamamos de “articular atores para fortalecer o ecossistema de dados abertos”. Desta forma, acaba-se por falar dos impactos dos dados na sociedade, e é

fundamental conhecer e utilizar esses dados para fortalecer esse ecossistema, a questão da produção e disseminação desses dados, e esse seria o último dos blocos dos desafios.

Finalizou explicando que havia apenas meia hora, para realizar as apresentações dos trabalhos realizados pelos grupos. Iniciou as apresentações pelo Grupo 1 – Capacidade Técnicas e Tecnológicas.

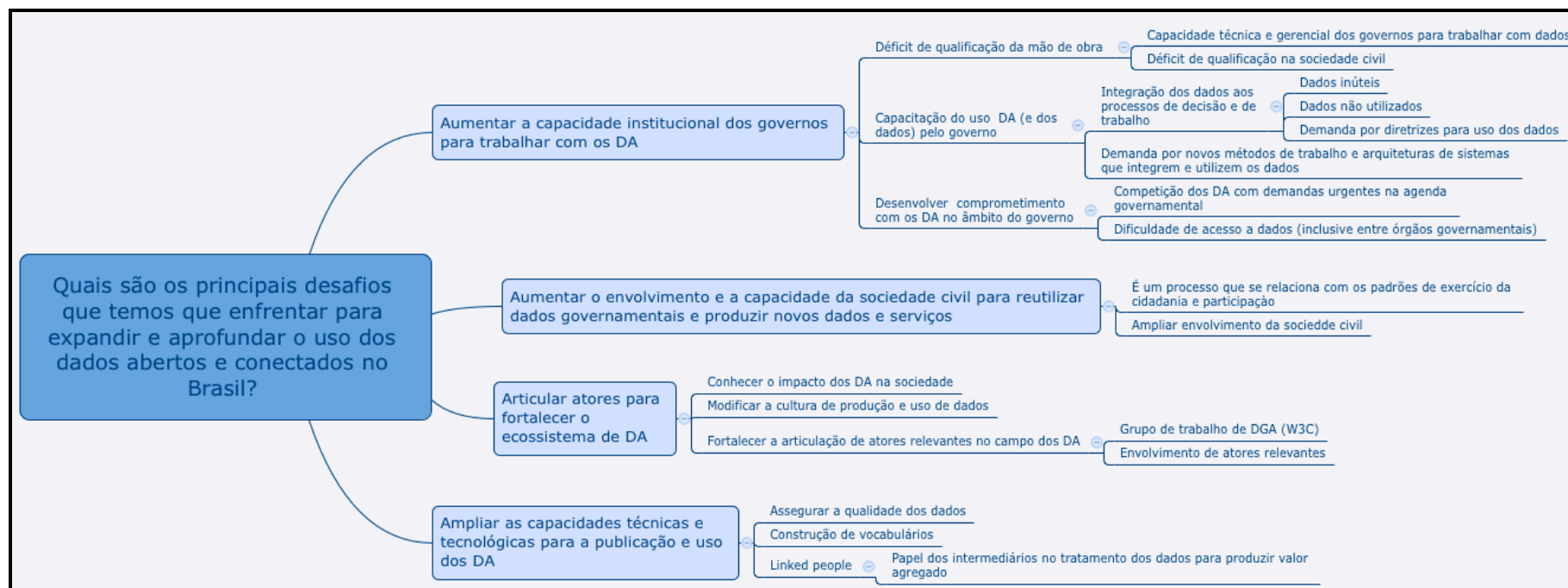


Figura 1 - Divisão de Blocos dos Desafios para os Dados Abertos e Web Semântica

4.1 Grupo 1 – Capacidade Técnicas e Tecnológicas

O grupo iniciou sua apresentação dando um maior enfoque quanto a questão da ampliação da capacidade de dados. Sabe-se que algumas organizações empresariais já vêm trabalhando com a disciplina da governança de dados. Essa disciplina tem como maior objetivo promover qualidade de dados, responsabilidade (*accountability*) e a questão do uso de dados no processo de tomada de decisões.

Por outro lado, o setor público, vai na contramão dessa nova tendência. O grupo diz acreditar que o uso da governança de dados aliada a uma série de outras diretrizes já bem estabelecidas, como a matriz de responsabilidade, e acordos de uso de dados, e a própria precisão semântica, são alguns dos parâmetros necessários para o desenvolvimento do campo no setor público. Com relação à qualidade dos dados, ao falarmos de dados com qualidade de três estrelas, a preocupação maior é com relação a disponibilização de metadados, porque quando os dados tornam-se conhecidos sabemos qual é o conteúdo e temos mais informações, podendo, assim, trabalhar melhor sobre a clareza dos dados, saber se aquele dados tem ou não qualidade. Quando não existem informações sobre os dados, não é possível trabalhar visando obter melhorias sobre esses dados.

Ao falarmos de dados com maior nível de qualidade, quatro e cinco estrelas, a preocupação maior é direcionada a construção de um vocabulário específico. Pensaram em no mínimo três ações:

1. A primeira seria a divulgação ampla dos vocabulários em uma base que já exista e esteja disponível, sem necessidade de recriar a roda, pois é possível reutilizar vocabulários que já existem;
2. A segunda ação é voltada para o fato de governos criarem um repositório centralizado, para compartilhamento e reuso dos vocabulários já utilizados, gerenciados por um comitê gestor, tanto para a governança de dados, quanto para vocabulário. Esse comitê também poderia ser responsável pela chancela desses vocabulários propostos, visando uma maior orientação e promover conexão entre os dados criados pelos governos.;
3. Por fim, a terceira ação seria direcionada a ampliação do estreitamento entre a relação universidade e governos, visando uma maior troca de conhecimento; e,

4. Tudo isso visando um maior engajamento sobre o tema, diferentes olhares é o que promovem melhorias e avanços no tema. Propomos também a criação de uma entidade que pudesse reunir as melhores experiências e divulgar as melhores práticas relacionadas aos dados abertos. Se você traz à tona experiências vencedoras no uso de dados abertos, é algo que pode estimular que outros órgãos tentem o mesmo.

4.1.1 Comentários apresentação Grupo 1

Edson Sales Júnior (Tribunal de Contas do Estado de São Paulo – TCE) comentou que em conversa com os colegas de TCE durante o debate, tem uma sugestão em relação ao vocabulário. É sobre a utilização, ou reutilização, de uma base já existente. Existe um vocabulário criado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) com relação ao tema, então, acredito que seguir a base já existente, em português é um caminho interessante a ser trilhado.

4.2 Grupo 2 - Governo

O grupo explicou que para aumentar as capacidades operacionais do governo, para lidar com dados abertos, deve-se implementar uma maior cultura de dados, baseada em processos:

1. Primeiro, precisamos ter uma definição clara do que é a cultura de dados abertos no setor governamental;
2. Depois devemos ampliar a cultura do uso de dados na população, trabalhando esses conceitos de forma clara. Essa é uma das estratégias mais simples e eficazes para uma maior disseminação do tema, explorando debates, discussões com a sociedade;

3. Para a gestão de processos, o grupo propôs que o governo busque trabalhar melhor a questão da relacionada a classificação dos dados e informações que possui atualmente, isso é essencial e impacta diretamente na melhoria da gestão do conhecimento;
4. Deve-se também fomentar de melhor forma a questão do fomento de boas práticas. Certas experiências já existentes hoje em algumas áreas do governo ficam de fato muito restritas. Elas não são compartilhadas, o que acaba limitando muito a expansão do tema para os demais órgãos governamentais. O governo deve trabalhar reforçar a troca de informações e práticas;
5. Deve-se trabalhar melhor a questão dos catálogos de dados, ou seja, um repositório onde os governos podem depositar todas as informações que possuem de forma clara, e a sociedade possam observar de forma macro o que está sendo disponibilizados, facilitando assim o trabalho dos usuários e o relacionamento governo-sociedade;
6. É importante promover mais atividades colaborativas entre os diversos setores visando um maior contato e troca de ideias e informações entre governos, sociedade civil e academia em relação ao tema banco de dados, realizar mais debates para ampliar as ideias; e,
7. O governo deve apresentar a base de dados que possui para a sociedade civil de forma clara.

4.2.1 Comentários apresentação Grupo 2

Airton Ruschel (Ministério da Cultura e Tecnologia) ele disse acreditar muito interessante a ideia do catálogo de boas experiências e acho que inclusive ele poderia ser feito de forma ainda mais aberta e colaborativa, com a possibilidade poder opinar e dar sugestões ou críticas na construção das experiências ali divulgadas.

4.3 Grupo 3 – Desafios de Envolvimento e capacidade da sociedade civil para reutilizar DGAs

O grupo explicou que houve um pouco de dificuldade no início para podermos estruturar nossas propostas, mas ao realizarmos uma melhor análise do modelo existente no país, com o perfil mais liberal, nos mais diferentes aspectos, no Reino Unido, como o perfil mais patrimonialista Brasil. Assim, o grupo conseguiu definir que ainda temos desafios concretos relativos a Educação, no que diz respeito ao uso de Dados Abertos, e que devem ser trabalhados especialmente levando em consideração quatro diferentes abordagens em relação aos seguintes grupos:

- Universidades;
- Cidadãos Comuns;
- Empresas;
- Organizações Não-Governamentais.

No que diz respeito as ações concretas a serem tomadas, deve-se, de forma geral, estimular ações que incentivem a cultura multidisciplinar envolvendo a temática dados abertos, com o objetivo de inserir na sociedade brasileira uma maior cultura referente a reutilização desses dados e informações.

Dessa forma, o grupo identificou os seguintes desafios em relação ao tema:

- Governo:
 - Maior divulgação da cultura de dados abertos;
 - Capacitação dos servidores públicos referentes ao processo de abertura e liberação dos dados;
 - Preferência por utilização de dados e informações em formato aberto.
 - Criação de grupos técnicos, visando maior disponibilização de informações e garantindo melhor qualidade dos conjuntos de dados produzidos.

- Empresas:
 - Criação de estímulos a novas empresas (*startups*) que baseiem suas atividades em novas tecnologias cívicas, identificando suas principais necessidades para o seu desenvolvimento. Deve pautar em ações do SEBRAE, mais variação nas iniciativas.
- Mídia:
 - Estimular jornalistas a fazerem uso dos dados disponibilizados no cotidiano de sua profissão.
- Sociedade Civil:
 - Fomentar e divulgar boas experiências de uso de dados abertos governamentais;
 - Popularizar o uso de aplicações que fazem uso de informações públicas divulgadas;
 - Fomentar estratégias claras e fundamentadas com relação ao processo de abertura dos dados.

4.4 Grupo 4 – Desafios para desenvolver Dados Abertos (Conjunto de pessoas e organizações mobilizadas em torno da temática)

O grupo iniciou sua apresentação com um slide, representado na Figura 2 – Ecossistema de Dados Abertos, Temos que ilustrou todos os atores envolvidos na temática de dados abertos. As empresas, que são uma das grandes partes envolvidas, basicamente compostas por desenvolvedores, startups, que tem papel crucial na disseminação da cultura de dados para a sociedade civil. No meio temos as plataformas de Tecnologia da Informação (TI), serviços de TI, etc. Todos aqui já falaram um pouco dos atores aqui presentes, governo, sociedade civil, academia, e devemos destacar a importância de tentar mapear a existência desses atores para fortalecer e desenvolver os laços existentes entre eles. Para o grupo, um importante exemplo disso é o fomento aos grupos de pesquisa que já

existem hoje nas universidades, mas que não tem o devido apoio e atuam de forma muito independente. De certa forma, o que o grupo sentiu mais falta e acredita que é um dos maiores desafios no momento envolve a questão do mapeamento desses atores. É importante mapear essas relações nas mais diferentes escalas:

- Existência e classificação de diferentes grupos de pesquisa que hoje atuam na área de dados abertos nas universidades e organizações da sociedade civil;
- Verificar onde estão localizadas as ilhas de excelência na utilização dos dados nas diferentes escalas de governo, com o objetivo de realizar um maior intercâmbio de informações;
- O que empresas e demais envolvidos estão desenvolvendo no sentido de utilização dos dados como forma de negócio ou empreendedorismo.

O grupo destacou que é importante saber quem são os envolvidos nesse processo, para que todos possam sair do escuro e ganhar seu espaço, visando ampliar os níveis de articulação. Deve-se portanto analisar as relações existentes entre esses grupos, porque ninguém está inserido em um ambiente fechado, todos os envolvidos estão atuando em um mesmo local, mas ainda não existe um mapeamento bem definido a respeito das ações que cada um está desenvolvendo, visando engajar esses atores.

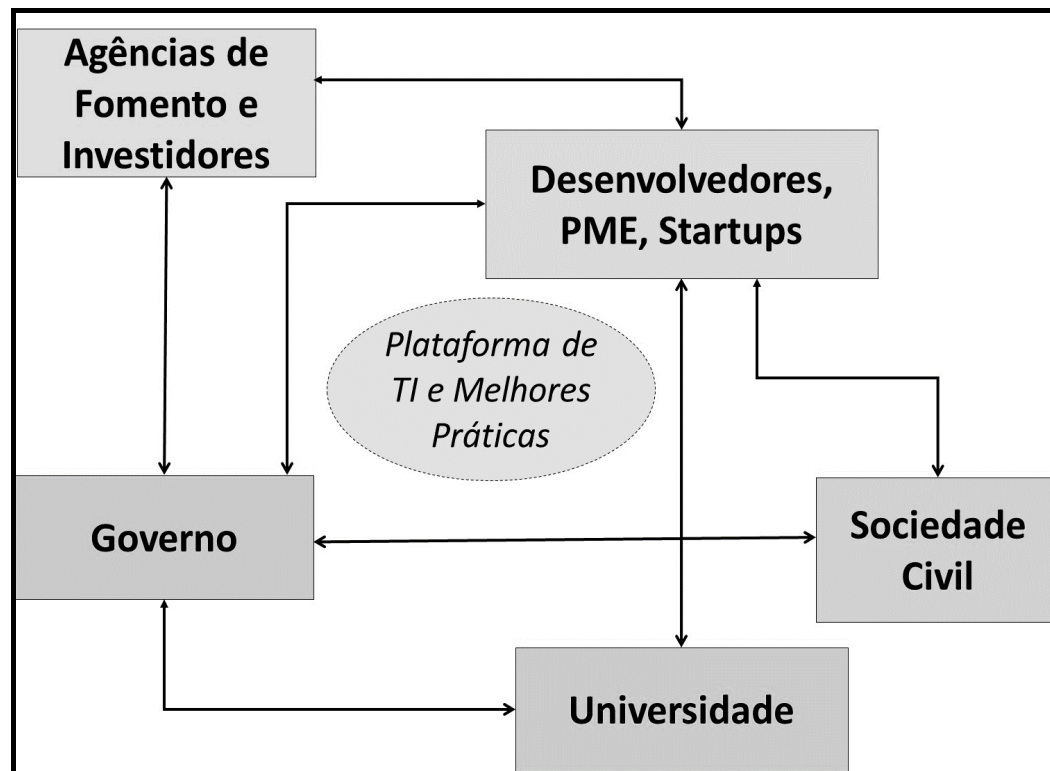


Figura 2 – Ecossistema de Dados Abertos

5 Encerramento

José Carlos Vaz iniciou agradecido a todos e explicou que estavam encaminhados ao encerramento da reunião. Disse acreditar que foram horas muito proveitosas e todos sairão com muitas ideias sobre o que implantar daqui pra frente. Finalizou pedindo uma última palavra dos convidados internacionais para que o evento fosse finalizado pontualmente. Concedeu a palavra a Eleanor Stewart para o encerramento.

Eleanor Stewart agradeceu a todos pela oportunidade de participar do evento e disse acreditar que sairão muitas experiências interessantes como resultados dessas conversas e diálogos. Finalizando, deixou uma reflexão a todos, apontando que todos os presentes são responsáveis pela ampliação da cultura de Dados Abertos, mesmo que em diferentes escalas. O uso, produção e liberação dos dados deve ser sempre vista como algo essencial e visando a produção de um conteúdo positivo para os usuários de uma forma geral. Os dados não devem ser vistos como uma simples “mercadoria” (*commodity*), como é o caso do petróleo e demais bens de consumo, e é importante que as pessoas agreguem isso em seus cotidianos. Finalizou agradecendo a hospitalidade e espera que tenham gostado do que foi compartilhado durante o evento.

Antonio Acuña agradeceu a oportunidade de estar compartilhando as iniciativas britânicas e destacou um último ponto: Apontou que os participantes têm tudo a favor e de que esse é o momento dos Dados Abertos, portanto, pediu para que eles aproveitem e parem de achar desculpas para não se envolver.

Vagner Diniz encerrou o evento agradecendo a todos pela discussão realizada e que as contribuições foram muito interessantes e com certeza serão parte da agenda de pesquisa do Ceweb.br e do W3C Brasil. Para ele foi importante salientar que, algumas das iniciativas propostas aqui ao longo do dia já existem, mesmo que de forma embrionária, ou ainda não abrangendo tudo que foi discutido. Em especial o W3C, que em escala global possui algumas parcerias que disponibilizam boas práticas relacionadas aos dados abertos, com experiências de todo mundo, muitos brasileiros, inclusive experiências no Reino Unido, entre outros. Destacou que ainda é um

documento ainda em inglês, que está sendo traduzido, mas que pode ser encontrado nesse link: <http://www.w3.org/2013/05/odbp-charter.html>.

O W3C Brasil vem fazendo fomento de pesquisa da tecnologia da web. E essas pesquisas surgiram do resultado de parcerias com universidades que estamos apoiando há dois ou três anos. O Ceweb.br apesar de ser um projeto recém-lançado possui uma parceira para um curso criado a pouco tempo pela Escola de Políticas Públicas sobre Dados Abertos Conectados e que pode ser acessado no link a seguir, se for do interesse de alguns: <http://www.ep.org.br/curso/58>.

Também gostaria de destacar o lançamento da pesquisa TIC Governo Eletrônico 2013, no final do mês de fevereiro e que também pode ser acessada no link: http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_eGOV_2013_LIVRO_ELETRONICO.pdf.

Finalizou agradecendo novamente a presença de todos no dia de hoje.

6 Anexos

6.1 Lista de participantes

Nome	Instituição
Adriano Pereira	Universidade Federal de Minas Gerais
Adriano Veloso	Universidade Federal de Minas Gerais
Airton Ruschel	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
Allan Santos	Relatoria
Ana Paula Conte	Centro de Estudos sobre Tecnologias Web
Andrea Thalhafer Ricciardi	Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação do Ministério Planejamento, Orçamento e Gestão
Antonio Acuña	UK - Cabinet Office
Antônio Martins	Tribunal de Contas do Estado de São Paulo
Bernadette Farias Lóscio	Universidade Federal de Pernambuco
Breno Mazieiro	Universidade de São Paulo
Bruno Kamogawa	Fundação do Desenvolvimento Administrativo
Carlos Alberto Afonso	Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação
Carlos Laufer	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Caroline Burle	Centro de Estudos sobre Tecnologias Web
Clara Meyer Cabral	Rede Nossa São Paulo
Clayton Bonfim	Universidade Federal de São Paulo
Claudia Valência Monteiro	Secretaria da Saúde Governo do Estado de São Paulo
Claudia de Andrade Tambascia	Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações
Daniel Bramati	Jornal o Estado de São Paulo
Danilo Doneda	Ministério da Justiça
Daphne Abreu Souza	Tribunal de Contas do Estado de São Paulo
Domingos Alves	Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto
Edson Sales Jr.	Tribunal de Contas do Estado de São Paulo
Eduarda Giffoni	Embaixada Britânica

Eleanor Stewart	UK - Cabinet Office
Edward Ribeiro Gerth	Secretaria do Governo do Estado de São Paulo
Ernesto Martins	Fundação Lemman
Fábio Oliveira Teixeira	Universidade Federal de São Paulo
Flávia Lefevre Guimarães	Comitê Gestor da Internet
Gabriela Maia Lubies de Sousa	Secretaria da Fazenda - Governo do Estado de São Paulo
Gisele Craveiro	Universidade de São Paulo
Gisele L. Pappa	Universidade Federal de Minas Gerais
Gustavo Alberto	Cia Processamento de Dados do Estado de São Paulo
Heloisa Pait	Open Knowledge
José Carlos Vaz	Universidade de São Paulo
José Leomar Todesco	Universidade Federal de Santa Catarina
Marco Túlio Pires	Escola de Dados
Marcos Silveira	Empresário Desenvolvedor
Maria Isabela de Tommaso Falleiros	Secretaria da Fazenda - Governo do Estado de São Paulo
Miguel Theophilo Camargo Morel	Secretaria da Fazenda - Governo do Estado de São Paulo
Miriam de Cássia Tomaz Canoas	Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de São Paulo
Miriam von Zuben	Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação
Nathalia Sautchuk	Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR
Newton Callegari	Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR
Nivaldo Cleto	Comitê Gestor da Internet
Paula Opromolla	Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo
Paulo Roberto de Lima Lopes	Rede Universitária de Telemedicina - RUTE (RNP)
Pedro Brandão	Laboratório Hacker - Câmara dos Deputados
Percival Henriques de Souza Neto	Associação Nacional para Inclusão Digital
Roberto Agune	Governo do Estado de São Paulo
Rodrigo Moura Karolozak	Fundação Getúlio Vargas
Salomão Cunha Lima	Brasscom
Sergio Pinto Bolliger	Secretaria do Governo do Estado de São Paulo

Silvia Helena Negrini Campanille	Cia Processamento de Dados do Estado de São Paulo
Silvio Mendonça	Secretaria da Fazenda - Governo do Estado de São Paulo
Sulimara Takahashi	Assessoria Internacional Governo do Estado de São Paulo
Taiane Ritta Coelho	Fundação Getúlio Vargas
Tarcila Peres Santos	Governo do Estado de São Paulo
Thiago Tavares Nunes de Oliveira	Comitê Gestor da Internet
Vagner Diniz	Centro de Estudos sobre Tecnologias Web
Wagner Meira	Universidade Federal de Minas Gerais
Yasodara Córdova	Centro de Estudos sobre Tecnologias Web